(ENTRE)LINHAS
Revista do Programa de Pós-graduação em História da UFOP
Mariana, V.06, N. 01, 2026. DOI 10.5281/zenodo.23958090

A boa cultura de Xi Jinping: uma análise conceitual

Micael Ferreira Pironti[1]

[1] Bacharel e Licenciando em História na Universidade de São Paulo (USP). E-mail para contato: micaelpironti@usp.br

INTRODUÇÃO

Ao se mencionar a "cultura chinesa", especialmente da perspectiva ocidental, tem-se uma série de pressupostos que tendem a significar um modo de vida completamente estrangeiro e, em partes, oposto à vida no ocidente. Associa-se o termo a tradições milenares – afinal, trata-se de uma das civilizações mais antigas do mundo – e costumes peculiares, abrangendo desde formas artísticas a valores e modos de ser. Antes de pensar em como essa cultura se manifesta, porém, deve-se entender o que é a cultura. Neste âmbito, propõe-se uma breve reflexão sobre os significados de cultura na China contemporânea, trazendo um trajeto histórico do termo e indagando sobre suas diferentes ramificações, seus devidos usos como ferramenta de mobilização e como conceito central dentro da sociedade chinesa. Será apresentada uma pesquisa direcionada diretamente às semânticas e sintaxes chinesas de cultura ou *wén* [文], englobando a variedade de significados que um termo em outra língua e linguagem pode abarcar. Por fim, uma análise de fonte primária esclarecerá como o conceito é utilizado, em seu mais alto escalão, no âmbito público chinês contemporâneo.

A fonte que baseia a investigação primária do estudo é um discurso do presidente chinês (2013-) e secretário-geral do Partido Comunista da China (2012-) Xi Jinping. O discurso será analisado a partir de uma tradução em inglês disponibilizada oficialmente por uma editora chinesa do Grupo de Comunicações Internacionais da China [China International Communication Group (CIGG)]. Os termos centrais do texto em mandarim serão considerados a fim de oferecer uma análise morfológica e sintática mais coerente com a linguagem original utilizada pelo presidente.

OS SENTIDOS DA *CULTURA*

Cultura, por uma definição de Clifford Geertz, é um conceito que engloba as teias de significado tecidas pelo homem; sua análise trata, portanto, da interpretação e da procura por significados (GEERTZ, 2008, p. 4). A cultura estaria sempre ligada ao ser humano e suas relações com os outros e com seu ambiente externo, de modo que o ponto principal de seu estudo é "auxiliar-nos a ganhar acesso ao mundo conceitual" no qual vivem os sujeitos, permitindo "conversar com eles" (GEERTZ, 2008, p. 17). De certa forma, esse olhar para a interpretação cultural se assemelha ao enfoque da história conceitual, cujo principal objetivo é definido por Javier Fernández Sebastián como "elucidar as experiências e expectativas históricas do passado, valendo-se dos rastros que tais vivências deixaram na linguagem", estudando os "vocabulários conceituais da vida político-social como meio para melhor compreender as vicissitudes" dos "espaços culturais" (FERNÁNDEZ SEBASTIÁN, 2023, p. 55). Se a história dos conceitos utiliza a linguagem para a compreensão de uma sociedade do passado – ou, como descreveu Sebastián, de um espaço cultural –, a antropologia social definida por Geertz se utilizaria dela para o entendimento de sujeitos de determinado presente, mais focada em estudos de caso. Logicamente, o presente estudo é dedicado apenas a um conceito usado de uma maneira específica em uma certa realidade distante, mas a semelhança das áreas de pesquisa descritas e como ambas se utilizam desse tal conceito mostram a abrangência da palavra.

A cultura, pois, seria a totalidade dos padrões de comportamento que dirigem a existência humana, apoiada por sistemas de símbolos significantes como a linguagem, a arte e os rituais que se encontram com os vários tipos de indivíduos de cada comunidade (GEERTZ, 2008, pp. 32-33). Tal entendimento colocaria, então, a cultura como parte fundamental da busca pelo lucro simbólico bourdieusiano, tendo em mente a importância dos códigos linguísticos e extralinguísticos para o molde das relações intracomunitárias e a influência que uma determinada teorização individual e sua performance podem ter para o chamado "jogo da vida social" (BOURDIEU, 2008, pp. 59-78). Dependendo da posição social de quem profere uma fala, esta possui mais poder simbólico e pode influenciar outros em sua comunidade.

Partindo do vocabulário *Keywords* de Raymond Williams (1983) como referência, pode-se afirmar que a palavra se origina do latim *cultura* e é derivada de *colere*, com significados que variam entre cultuar, cultivar, cuidar, habitar (derivado de *colonus*) ou até adorar (de adoração, *cultus*). Ao longo de seu desenvolvimento histórico ocidental, principalmente com a modernidade conceitual advinda dos iluminismos, a palavra (e suas variações linguísticas) foi associada ao homem, aproximando-se de significações conceituais similares e opostas a *civilização* — primeiro para descrever um progresso geral da evolução humana, depois sendo utilizada como bastiã da defesa das

tradições locais e nacionais contra um desenvolvimento cada vez mais mecânico da sociedade industrial, racional e "inumana". Apenas a partir do final do século XIX a palavra ganhou um novo significado independente e começou a descrever os trabalhos e práticas da atividade intelectual e, principalmente, artística; a ideia de um desenvolvimento intelectual e espiritual foi transportada para as obras que o representavam. Como Williams (1983, pp. 77-80) escreve, este parece ser o uso mais comum: "cultura é música, literatura, pintura e escultura, teatro e cinema. Um Ministério da Cultura se refere a essas atividades específicas, às vezes adicionando filosofia, conhecimento, história".[2] De todo modo, ainda prevalece uma relação de similaridade entre cultura e civilização, como veremos adiante.

No caso chinês, a palavra cultura já era usada para se referir à humanidade há milênios. A complexidade do idioma, porém, põe em destaque algumas considerações a serem feitas sobre os termos usados e sua volatilidade. Já nos Analectos de Confúcio, filósofo mais influente da história chinesa e que viveu entre os séculos VI e V a.C., nota-se um termo que pode ser traduzido como "cultura": *wén* [文]. A expressão exata utilizada por Confúcio, seguindo a tradução em inglês, é *"This Culture of Ours"* [sīwén]. Essa "Nossa Cultura", então, era composta de ideias e tradições formais antigas que guiavam a vida intelectual e individual (BOL, 1992, pp. 1-4). Segundo o historiador Peter K. Bol, os escritos de Confúcio são "um relato do início da civilização [...] Eles foram uma fundação para o pensamento político e moral assim como para a literatura" (BOL, 2018, pp. 247-248). Na frase do sinólogo, é possível localizar duas outras palavras que se confundem com cultura: *civilização e literatura*. Aliás, todas as três estão inclusas no significado de *wén.*

Para uma pesquisa inicial, foram buscados os significados de wén em três dicionários on-line diferentes: dois que oferecem traduções para o inglês (Han Trainer Pro e MDBG) e um inteiramente em mandarim (ZDIC), que foi lido com o recurso de tradução do Google. Os sinogramas foram conceituados com o auxílio da enciclopédia Baidu Baike, também traduzida através do Google.

No dicionário Han Trainer Pro, *wén* (especificamente com o caractere [*hànzì*] 文, visto que a mesma pronúncia com diferentes caracteres abrange outros significados diferentes) pode ser traduzido para "escrita", "literatura" e "cultura", mas também para "civil" (o adjetivo e o substantivo), "elegante" e "refinado". Algumas outras palavras que podem ser formadas com o caractere incluem *wényì* [文艺] (literatura e arte; 艺 é usado para "arte", "talento") e *wénhuà* [文化] (cultura; 化 denota "mudar", "mudança", sendo usado para caracterizar a mudança nas pessoas através da educação, também se referindo a costumes sociais), entre outras.[3]

Buscando por "culture" no dicionário inglês-mandarim MDBG, encontram-se resultados semelhantes e maiores esclarecimentos. *Wén* [文] é associado às definições de "linguagem", "cultura", "escrita", "formal", "literário" e "gentil". *Wénhuà* é o primeiro resultado a aparecer no site e é ligado a "cultura",

[2] O texto original em inglês: "*culture is music, literature, painting and sculpture, theatre and film. A Ministry of Culture refers to these specific activities, sometimes with the addition of philosophy, scholarship, history" (*Willians, 1983, pp. 77-80).

[3] Disponível em: https://dictionary.hantrainerpro.com/chinese-english/translation-wen_culture.htm. Acesso em: 1 de nov. de 2025.

"civilização" e "cultural". Outra palavra com significados quase idênticos é *wénmíng* [文明], também associada a "civilizado". Uma palavra com mais diferenças merece atenção: *Zhōnghuá* [中华]. *Zhōng* [中] é um termo que representa uma posição central, no meio; como prefixo, porém, *zhōng* é utilizado para se referir à China e para caracterizar algo como chinês (*Zhōngwén* [中文], por exemplo, refere-se à língua chinesa). *Zhōnghuá* — usado em par com *wénhuà* —, portanto, é comumente usado para indicar a cultura, civilização e identidade chinesa, também sendo um termo "histórico e cultural" para a China.[4]

Por fim, o dicionário chinês ZDIC nos ajuda a estabelecer uma possível linha do tempo e evoluções de significado; vale lembrar que a metodologia utilizada para essa pesquisa pode ser melhorada, visto a necessidade de se traduzir o site. A página para o *hànzì* 文 indica variados verbetes e a maioria deles estão relacionados a sentidos já pontuados: a escrita, a elegância/refinamento e a literatura. Os significados mais antigos de *wén* fazem referência a um arranjo refinado de coisas, que então foi associado à escrita, à literatura e a documentos históricos e ganhou uma nova vida dentro desse contexto linguístico; então, a palavra foi cada vez mais ligada ao talento literário, mas também à prosa chinesa antiga e, mais amplamente, a noções de virtude moral, educação, etiqueta e rituais, assim como "a soma das conquistas do trabalho humano".[5]

[4] Disponível em: https://www.mdbg.net/chinese/dictionary?page=worddict&email=&wdrst=0&wdqb=culture. Acesso em: 1 de nov. de 2025

[5] Disponível em: https://www.zdic.net/hans/%E6%96%87. Acesso em: 1 de nov. de 2025

CULTURA CONTEMPORÂNEA, MODERNA E TRADICIONAL

Líder desde 2012, Xi Jinping é visto como a figura mais personalista a estar no comando da nação chinesa desde Mao Zedong. Em muitos sentidos – principalmente de centralização política e carisma –, Xi se aproxima de Mao; em outros, segue as bases delineadas por Deng Xiaoping. Entre elas, figura a predominância do "socialismo com características chinesas", parte central da política de Xi. A China se apresenta oficialmente como uma sociedade que possui um sistema capitalista muito bem desenvolvido, mas que se reforma através de "formas confucianas de governança", que incluem uma atenção maior à busca pela igualdade coletiva, preservação do planeta e pelo desenvolvimento cultural e moral, contrapondo-se à sociedade neoliberal ocidental que é controlada por interesses empresariais e pela busca do lucro. Ao mesmo tempo, promove a difusão da cultura tradicional (como a língua e as artes) mundialmente, por exemplo por meio dos Institutos Confúcio, buscando mostrar visões diferentes para a humanidade do século XXI (PUETT, 2018, p. 234). O passado tradicional foi revivido e possui importância fundamental para a construção da imagem do futuro desejado pela China de Xi.

À primeira vista, a ideia de cultura parece paradoxal. A categoria das "características chinesas", introduzida por Deng Xiaoping — líder após Mao que reinstaurou práticas capitalistas na China — imprimia em si mesma um

paradoxo temporal: é um conceito tão moderno e tão apontado para o futuro quanto rememora o passado. Como descrito por Ann Anagnost, essa conceitualização é tanto "uma reafirmação da base primordial da identidade nacional e um sintoma incômodo do fracasso da nação em progredir" (ANAGNOST, 1997, p. 359). Nesse sentido, observa-se um conflito dentro do conceito envolvendo os significados em disputa dos termos cultura e civilização; a necessidade de valorizar a tradição e a necessidade de se "modernizar" convivem no mesmo espaço léxico, de acordo com as definições compartilhadas das duas palavras.

Falar de "moderno" na China nos leva a olhar para os séculos XIX e XX, após a nação ser forçosamente aberta ao mundo ocidental após as Guerras do Ópio (1839-42; 1856-60). Iniciou-se a utilização de categorias fundamentalmente ocidentais que contrastam com o passado imperial-rural chinês: a oposição a ser feita era entre o "estrangeiro moderno" e o "doméstico tradicional". As mudanças ocidentais se tornaram modelos, oportunidades e restrições para o desenvolvimento da China; falar no advento de uma "sociedade civil" implicava falar de uma sociedade chinesa mais ocidentalizada e, desse jeito, mais "moderna" (WONG, 1997, pp. 323-325).

Com a adesão da ideia de modernidade como uma "ruptura na história", haveria, então, uma separação entre o passado da "China tradicional" – uma construção ahistórica que homogeneiza toda a China imperial – e o "passado recente", que começou com a Guerra do Ópio (OWEN, 2018, pp. 283-284). Pensar a cultura e a sociedade chinesas através de categorias ocidentais não necessariamente implica que estas formas "modernas" de pensamento se impuseram e tomaram de prontidão o lugar principal dentro da intelectualidade e da população chinesa; não se assistiu a uma "ocidentalização" mais generalizada, senão uma adição de novos fatores em meio a uma vida cultural vasta e profundamente única demais para ser tão rapidamente quebrada por inteiro (WONG, 1997, pp. 322-323). Por outro lado, não há dúvidas de que houve tentativas dos arquitetos do estado pós-imperial chinês de adotar modelos ocidentais como meios de competir internacionalmente – agora, dentro de uma nova lógica de mercado e globalização – e ganhar o devido reconhecimento enquanto nação moderna (WONG, HUTERS, YU, 1997, p. 7). De qualquer maneira, nenhuma dessas interpretações é absoluta ou irrefutável para todos os âmbitos da sociedade.

A tradição [yíchǎn; 遗产], como contraste da modernidade [xiàndài xìng; 现代性], denota um passado cultural que ainda sobrevive no presente, mas que, como passado, não é modificável e pode até ser colocado dentro da caixa de "cultura chinesa tradicional", um produto fechado e facilmente exportável (OWEN, 2018, p. 285). Para os "modernizadores" pós-imperiais, como Mao Zedong, a cultura tradicional foi vista como um impeditivo para o desenvolvimento da China; dessa forma, buscavam estratégias e sensibilidades

de fora de sua própria cultura para poderem avançar como nação e se livrarem das "algemas" da "herança imperial" (WONG, HUTERS, YU, 1997, p. 7).

Para Reinhart Koselleck, os fatores que definem a chegada da modernidade em uma determinada sociedade são visíveis nas mudanças nas conceitualizações dessa sociedade, havendo uma ligação íntima entre os acontecimentos históricos e as experiências de linguagem que os acompanham. Principalmente, nota o autor, essa modernidade é verificável através de uma forte e acelerada temporização da história: trata-se da "associação de reflexão histórica e consciência do movimento em direção ao progresso" (KOSELLECK, 2006, p. 287); em outros termos, há a percepção de um distanciamento do passado e a criação de expectativas para o futuro.

De todo modo, se uma característica marcante da modernidade é a ruptura deliberada com o passado, então a história da China mostra que essa linha do tempo conceitual é igualmente complicada e ramificada. Para rebater a perspectiva koselleckiana – admitidamente europeia –, o historiador Michael Puett nota que as "narrativas de modernidade", juntas do conceito de "moderno" [xiàndài; 现代] (e, consequentemente, de "pré-moderno"), não são exclusivas para a China "ocidentalizada": de fato, essa tendência narrativa de "rejeição do passado tradicional e inauguração de uma nova era, ou a afirmação de construir em cima e consolidar os melhores momentos do passado tradicional (que então se tornam precursores) em uma síntese final e bem-sucedida" pode ser encontrada desde o primeiro imperador da China, que criou a dinastia Qin em 221 a.C (PUETT, 2024, p. 154).

Após a Revolução Chinesa de 1949 e principalmente com a Revolução Cultural (1966- 1976), outro marco importante para a modernidade conceitual da cultura chinesa, uma parte central do chamado de Mao Zedong à população para a criação de uma nova sociedade estaria na rejeição completa a Confúcio – visto como representante de um modo de pensar tradicional –, abraçando, em vez dessa tradição, uma visão de mundo mais moderna: no caso, o comunismo (PUETT, 2018, pp. 231-232), conceitualizado como tal por Mao. Retomando Koselleck, a temporalização acelerada da modernidade não só afeta conceitos pré-existentes como também cria novos conceitos políticos, encontrando como denominador comum o sufixo "ismo". O comunismo chinês, portanto, trata-se de uma conceitualização de um futuro novo, a expectativa no tempo que está por vir, rejeitando frontalmente a experiência que o precedeu (KOSELLECK, 2006, p. 297). Quando Mao, no auge da Revolução Cultural, prega pela destruição de textos e artefatos associados a Confúcio em prol de uma limpeza do passado histórico e a criação de uma nova realidade comunista, conceituando seus opositores de "Confucianos" (que também teriam de ser destruídos), nota-se explicitamente o rompimento moderno (PUETT, 2018, p. 232).

Xi Jinping, porém, localiza-se historicamente após o retorno das práticas capitalistas na China e, de maneira conjunta, a uma mudança de episteme em relação ao moderno e à tradição, inclusive na questão cultural. Para análise mais direta, tomemos um discurso de Xi sobre o tópico: sua aparição na cerimônia de abertura do 10º Congresso Nacional da Federação Chinesa de Círculos Literários e Artísticos [中国文学艺术界联合会] e do 9º Congresso Nacional da Associação Literária Chinesa [中国作家协会] – uma organização subordinada à primeira –, em 30 de novembro de 2016. Cabe notar que existe mais de uma versão desse discurso: para o destrinchamento principal, será utilizado um recorte do discurso que foi publicado em uma coletânea especial da editora chinesa oficial Foreign Language Press, com dezenas de discursos de Xi Jinping – traduzidos para o inglês – que explicitam seu pensamento (XI, 2018); a versão completa do discurso, encontrada on-line tanto em inglês (com outra tradução, não oficial),[6] quanto em mandarim (em menor medida),[7] servirá como apoio à análise principal e ajudará a detalhar mais o pensamento cultural de Xi.[8] A escolha pela priorização do recorte está relacionada a seu caráter oficial de divulgação, reduzindo a extensão do discurso e selecionando quais partes seriam mais importantes para serem colocadas a um público maior, tanto na China quanto fora dela.

No livro, o discurso recebe o título "Confiança na Cultura Chinesa" [Confidence in Chinese Culture]. A primeira frase já explicita o teor da mensagem: "Eu espero que todos nós tenhamos total confiança em nossa cultura e trabalhemos para levantar nosso espírito nacional com obras literárias e artísticas". A ideia central da frase demonstra o principal objetivo do discurso – e da política cultural de Xi no geral –, que é o potencial inspirador das obras artísticas. Aqui, cultura é usado de maneira mais geral como *wénhuà* e adiciona-se a nova palavra *zìxìn*, que denota confiança/auto-confiança, formando a "confiança cultural" [文化自信]; depois, utiliza-se *wényì* [文艺] para "literatura e arte". A frase seguinte estende ainda mais o pensamento em questão: "A realização do rejuvenescimento nacional requer que nós tenhamos confiança no caminho, teorias, sistema e cultura do socialismo com características chinesas". No mandarim, a construção da frase deixa em evidência o "socialismo com características chinesas" [中国特色社会主义], com citações posteriores aos pilares dessa realização, onde todas as palavras são seguidas de *zìxin*: novamente, o uso que aparece é de *wénhuà zìxìn*, com associação direta entre cultura e confiança.

Antes de analisar mais friamente, terminemos o primeiro parágrafo do discurso. Xi disse:

> Um bom entendimento e uma forte confiança na profunda cultura chinesa são os pré-requisitos para a criação de obras excelentes com características nacionais distintas e estilo pessoal único.

[6] Disponível em: https://en.everwinlawyer.cn/dtjs_details/37.html. Acesso em: 10 de out. de 2025. O site pertence a um escritório de advocacia e a transcrição do discurso foi publicada no dia 2 de dez. de 2017, mais de um ano após o evento. Não pretendemos discorrer sobre o que essa publicação poderia significar, nem é o intuito deste trabalho indagar sobre o local de publicação dessa transcrição.

[7] Disponível em: http://www.xinhuanet.com/politics/2016-11/30/c_1120025319.htm. Acesso em: 31 de out. de 2025. Este site pertence à agência de notícias Xinhua, uma instituição oficial do governo chinês; a transcrição foi publicada no mesmo dia do discurso.

[8] As citações diretas de frases do discurso, tanto advindas do recorte quanto das outras versões completas, terão tradução nossa.

> Escritores e artistas devem se destacar em aprender com o melhor da herança cultural do país, e extrair energia dela. Eles devem ter total confiança nas aspirações, valores, vitalidade e criatividade de sua própria cultura, e produzir obras de arte que dão força para o povo chinês na sua marcha em direção ao futuro. (XI, 2018, p. 378)

Separando, do mandarim, todas as vezes em que o ideograma *wén* [文] aparece nesse primeiro parágrafo, verifica-se que todos os usos são em *wénhuà* [文化]; logo, assumir-se-á que esta é a escrita principal do termo que será considerada ao longo do texto. A sintaxe das palavras, neste trecho, revela outro fato interessante: toda vez em que 文 化 é utilizado, seguem-se caracterizadores após a palavra (confiança, ideais – que foi traduzido como aspirações –, valores, vitalidade), exceto para falar da cultura chinesa, onde a palavra que denota a China, *Zhōnghuá*, vem antes de cultura na construção gramatical [中华文化]. Verificam-se muitas tendências importantes neste único parágrafo. Algumas ideias principais podem ser identificadas em meio ao conjunto de palavras usadas: conceitos que mobilizam noções de cultura (cultura, obras literárias e artísticas, cultura chinesa, obras excelentes), espírito (confiança, espírito, rejuvenescimento, características, energia, aspirações), tempo (realização, profunda, herança, futuro), nação (características chinesas, povo chinês, além do adjetivo nacional que complementa muitos dos outros conceitos) e ideais/valores (teorias, sistema, o melhor [da herança cultural], aspirações, valores). Todos esses conjuntos conceituais – "conjunto" porque mobiliza diferentes palavras dentro do mesmo ou semelhante conceito maior – são repetidos e desenvolvidos ao longo do discurso, onde dois deles se sobressaem sobre os outros e determinam o tom da fala, justamente os dois que estão no título dado ao recorte: cultura e confiança (no caso, agrupado na ideia maior de espírito).

Primeiramente, para Xi, a cultura e as obras de arte devem ser utilizadas para fortalecer o espírito nacional. Analisando o começo do discurso em si – uma das partes que não foram incluídas no recorte do livro, assim como outras que serão complementares à análise principal –, Xi enfatiza que "o Partido sempre deu grande importância para o trabalho literário e artístico, porque a causa literária e artística é uma causa importante do Partido e do povo, e a frente literária e artística é uma frente importante do Partido e do povo". Nota-se a reiteração de uma tendência histórica: a mobilização da cultura para fins políticos. Desde o início das atividades do Partido Comunista Chinês, a arte vista através de lentes ideologicamente aprimoradas foi um grande atrativo para a legitimação do regime e a reprodução de seus princípios orientadores; não obstante, Xi Jinping também vê essa prática como fundamental, então adaptando políticas culturais do passado para as necessidades do presente (KUPŚ, 2024, p. 361).

Desde o baixo império chinês (aproximadamente no período dos anos 1500-1900), considera-se que o Estado "entendia que a arte de governar incluía moldar o comportamento moral das pessoas": incentivava-se o desenvolvimento dos indivíduos assim como a beleza dentro da cultura, em que o próprio Estado e seus intelectuais faziam parte, implicando em um entrelaçamento entre cultura e sociedade (WONG, HUTERS, YU, pp. 4-6). Para Mao Zedong, a cultura continha e transmitia valores de classe: as classes burguesas praticavam arte burguesa, que promovia valores capitalistas e individualistas; por sua vez, a arte socialista deveria ser feita por e para as massas coletivas proletárias. Como escreveu Klaus Mühlhahn: aliadas ao Estado, "as novas instituições culturais moldaram opiniões políticas, reescreveram o passado, mudaram atitudes, e ajudaram a criar um contexto em que políticas governamentais pudessem ter êxito em construir um futuro melhor" (MÜHLHAHN, 2019, p. 401). Essas instituições incluíam a própria Federação Chinesa de Círculos Literários e Artísticos, que exercia o controle de qualidade daquilo que seria publicado, além do Ministério da Cultura [Wénhuà bù] e o Departamento Central de Propaganda [Zhōngyāng xuānchuán bù], que possuíam o poder de moldar as políticas culturais. Os escritores que se recusavam a seguir as novas políticas tinham suas submissões rejeitadas das publicações; havia perseguição àqueles que "desviavam da linha do partido, ignoravam o ponto de vista da classe trabalhadora, ou falhavam em promover os valores progressivos do Partido Comunista Chinês" (MÜHLHAHN, 2019, p. 399).

Alguns conceitos que não são explicados no discurso merecem ser destacados aqui, pois possuem forte influência na construção ideológica. O *rejuvenescimento* [fùxīng] é um termo utilizado desde os antecessores de Xi Jinping – Jiang Zemin e Hu Jintao – que indica a necessidade de a China retomar sua posição central no mundo, recuperando sua força nacional e estabilidade social. Xi expande essa retórica para o mais amplo *sonho chinês* [zhōngguó mèng], emocionalizando a busca pelo rejuvenescimento e incentivando cada cidadão chinês a participar desse processo (MÜHLHAHN, 2019, pp. 563-564). Pode-se dizer que o discurso de retomada era mais aplicável em épocas anteriores, quando a China não era ainda a superpotência que veio a se tornar, mas a utilização desta retórica em um contexto mais favorável do Estado mantém vivo o desejo de sempre estar em busca de se desenvolver.

Outro conceito a ser comentado é o das características chinesas. A expressão não é utilizada apenas como descritora do socialismo ou do regime político-econômico instaurado com Deng Xiaoping; as "características chinesas" implicam na existência de uma essência chinesa visível nos mais variados aspectos da vida social. Tal concepção reconhece a influência de um passado em comum que unificaria toda uma população e que é distinto de outras civili-

zações. No discurso completo de Xi, é possível ver essa representação de uma herança essencialmente nacional em diversas frentes: “espírito chinês”, “força chinesa”, “valores chineses”, “estilo chinês”. Novamente, é perceptível a emocionalização típica da retórica e da afirmação nacional, com termos vagos que evocam um passado em comum comunicável a toda a população do país.

Isto posto, pode-se perceber a frequente temporalização empregada no discurso. No parágrafo subsequente do recorte do livro, lê-se o seguinte:

> A cultura é a alma de um país e de uma nação. A história e a realidade provaram que uma nação que abandona ou trai sua história e cultura não pode prosperar, e é provável que termine em tragédia. A confiança na cultura é básica, com raízes fortes, e tem um longo alcance; é uma força que é mais fundamental, estável e persistente. (XI, 2018, p. 378)

A confiança na cultura, ou a crença na cultura, é algo que persiste no tempo. Se a China chegou onde chegou e se a nação conseguiu prosperar, parte dessa conquista advém da confiança na sua própria cultura. Logo em seguida, Xi fala: “a história humana nos diz que todas as nações do mundo, sem exceção, são profundamente influenciadas [...] por escritores e artistas talentosos em cada fase de seu desenvolvimento histórico” (XI, 2018, p. 378). Num sentido mais restrito, a confiança na cultura está relacionada à influência de “obras excelentes” do passado na identidade coletiva do presente; mais amplamente, entende-se a cultura como parte da construção da identidade em si e como agente na transformação da sociedade. De tal forma, as obras de arte são peças fundamentais para sustentar regimes de ideias e, ao mesmo tempo em que carregam os valores de seu tempo, também permanecem para o futuro e devem servir de inspiração. Xi trabalha muito com a noção de “História mestra da vida” (“a história prova”, “a história nos diz”) e, em sua análise, a história – não só chinesa, mas por todo o mundo – atesta pela grande importância das obras literárias e artísticas na missão nacional rumo à prosperidade. Além disso, o líder defende constantemente que artistas devem aprender com o melhor que a “profunda cultura chinesa” tem a oferecer para criarem suas próprias “obras excelentes”.

Aos artistas, delega-se uma função: expressar valores. “A significância de qualquer obra de arte e literatura está nas ideias e valores contidos nela. Todas as formas de expressão são apenas meios de transmitir ideias e valores” (XI, 2018, p. 379). Cá está o ponto central da cultura para Xi Jinping. O líder, representando todo o PCCh, envia aos artistas a tarefa de transmitir os valores característicos de sua sociedade ou, em outras palavras, os ideais propagados pelo regime que devem ser ainda mais incentivados por meio da arte, considerando seu potencial de alcance e influência no meio de pensar de uma cultura (lê-se civilização).

Em geral, quando *cultura* [文化] é utilizado nas comunicações oficiais do PCCh, o termo é associado a propaganda/publicidade [xuānchuán; 宣传], ideologia/pensamento [sīxiǎng; 思想] e civilização [wénmíng; 文明]. Essas ideias se cruzam no âmbito público da nação chinesa; o Partido, como projeto nacional, ambiciona a mobilização da população através daquilo que é universal, aquilo que é "chinês". Por isso, o passado histórico cultural e a cultura tradicional são tão importantes para a projeção do futuro, já que esta herança realçaria os verdadeiros "valores chineses" (HOPE, 2023, on-line).

Portanto, a tradição cultural deve ser respeitada e deve servir de exemplo para os artistas da contemporaneidade. Segundo a visão representada no discurso, as obras "excelentes" perduram para além de seu tempo; e, para uma obra ser excelente, ela deve entender o seu tempo. "Cada era tem sua arte e literatura única assim como seu espírito único [...] Apenas quando as artes de uma era estão intimamente relacionadas com a nação e compartilham felicidades e tristezas com seu povo, podem elas ressoar suas vozes" (XI, 2018, p. 379). Por essa lógica, uma obra de arte que não compartilha os valores de seu tempo não tem valor nenhum [worthless]: "Autores e artistas devem seguir o pulso dos tempos, responder ao chamado dos tempos, escutar as vozes dos tempos, e enfrentarem os desafios dos tempos" (XI, 2018, p. 379); e, no caso, o *zeitgeist* (palavra usada no próprio discurso) a ser seguido é representado pelos "nossos valores socialistas fundamentais", que são o "espírito da China contemporânea" e o "alicerce cultural e ético que funde a força da China" (XI, 2018, p. 380). Explicitamente, Xi declara: "Nossos autores e artistas devem empreender a principal tarefa de desenvolver e promover os valores socialistas fundamentais e criar obras excelentes com o estilo distinto da China", com "meios chineses" de pensar e se expressar, emocionalmente e esteticamente (XI, 2018, p. 380).

Fica clara a distinção entre uma cultura boa e uma ruim. A arte, para Xi Jinping, deve seguir o chamado de seu tempo e expressar os valores que oferecem progresso a sua sociedade; além disso, a arte deve ser patriota: incendiar o orgulho e honrar o povo chinês, descrevendo "uma bela China" e contando "as melhores histórias da nossa nação com linguagem marcante e imagens vívidas" (XI, 2018, p. 380). Para isso, deve-se entender a devida importância do passado e do futuro. De um lado, Xi proclama, incluindo-se no discurso: "Nós devemos ter grande respeito pelos nossos heróis, apresentá-los e suas histórias de uma maneira respeitosa, promovê-los em nossa arte e literatura, e ajudar nosso povo a desenvolver visões positivas sobre a história, nação, estado e cultura"; do outro, também projeta o futuro: "Nossa arte e literatura devem exibir esforços enérgicos em prol da reforma e abertura, da modernização socialista, e de uma China frutífera, progressiva e unida, para encorajar todo o nosso povo para marchar rumo um futuro promissor" (XI, 2018, p. 380).

Xi vai além e deixa clara essa distinção de qualidade. O líder assume que existem "meios artísticos próprios" que qualificam uma obra de arte que sobrevive ao tempo – ou seja, que correspondem à obrigação de representar os valores de seu tempo – e, ao mesmo tempo, caracteriza aquelas que não terão valor nenhum. Os artistas "têm o dever de contar a verdade sobre a nossa história, e devem deixar o povo saber o que é mais valioso em nossa tradição"; assim, "obras que ridicularizam a história indicam que o autor não leva a história a sério, que ele não leva a sério suas próprias criações. Tais obras não terão lugar no panteão literário e artístico" (XI, 2018, p. 381)[9]. Deve-se ter em mente que, por motivos lógicos, ninguém pode expressar valores que não sejam característicos de seu tempo; tal afirmação seria profundamente anacrônica e desrespeitosa ao estudo histórico. Quando Xi Jinping profere a expressão "valores de seu tempo" (e outras construções similares), que é o sentido que estamos assumindo aqui, já é feita uma hierarquização de valores dentro do sistema ideológico pretendido. O "chamado dos tempos", nessa concepção, pede que sejam proliferados os valores do socialismo chinês, junto de outras características culturais tradicionais da China que devem ser perpetuadas graças à sua excelente essência.

A "verdade" sobre a história, como disse Xi, também está sujeita a essa visão de mundo. Pode-se assumir que a verdadeira história seria aquela promulgada e respeitada pelo PCCh, pois já teria passado pelo filtro ideológico do partido e, assim, corresponderia perfeitamente aos valores socialistas chineses. Consequentemente, não é absurdo considerar que a cultura ruim seria aquela que desafiasse essa visão de mundo, não se encaixando nos padrões ideológicos do partido e que, portanto, "ridicularizam" a história. Isso inclui o "niilismo histórico" – expressão comumente utilizada, inclusive neste discurso –, que descreve interpretações da história que desviam da interpretação materialista do PCCh e seu caráter impulsionador do povo.[10] Não se deve esquecer do cenário de censura que o Partido executa sobre opiniões que perturbam a ordem desejada, inclusive com diretrizes específicas para manter os espaços on-line "positivos", além do esforço generalizado para manter um consenso da opinião pública[11].

Com o discurso completo, pode-se encontrar mais evidências que corroboram essa visão sobre a história e o que define uma boa cultura. Xi declara, sendo uma das principais ferramentas de mobilização ideológica de sua era, que o "grande rejuvenescimento da nação chinesa" é a "missão histórica da nossa geração", o principal sonho da nação chinesa. Sob a liderança do PCCh, avançam o "espírito da união e do autodesenvolvimento do povo chinês, a coragem do povo chinês para inovar, criar e seguir em frente, e a perseverança do povo chinês para trabalhar árdua e tenazmente". O povo de Xi Jinping é trabalhador, patriota e de espírito nobre, desenvolvendo sua civilização junto do Partido ao longo dos anos.

[9] A tradução oficial do discurso usa a expressão "make travesty of history". Escolhemos "ridicularizar" como substituição para o português, já que o sentido da expressão implica em uma interpretação distorcida, desrespeitosa ou deturpada da história.

[10] Ver, por exemplo, reportagem do Diário da China contra o "niilismo histórico": https://www.chinadaily.com.cn/china/2017-07/03/content_29975661.htm. Acesso em: 16 de nov. de 2025.

[11] Diretrizes gerais sobre o gerenciamento da opinião pública na China podem ser encontrados em: https://paper.people.com.cn/rmrb/html/2024-02/06/nw.D110000renmrb_20240206_1-01.htm.
Alguns exemplos de reportagens críticas a essa política: https://chinamediaproject.org/2023/10/13/xi-jinpings-cathedral-ofpretense/ e https://www.nytimes.com/2019/01/02/business/china-internet-censor.html. Acesso em: 16 de nov. de 2025.

Seguindo a lógica do que foi exposto até aqui, esse desenvolvimento é "inseparável do forte apoio da cultura chinesa", com suas características únicas ("conceitos, sabedoria, magnanimidade, e charme") que promovem "confiança e orgulho nos corações do povo chinês e da nação chinesa". Citando Marx, Xi afirma que "o povo sempre foi o único juiz de quais autores são 'qualificados' ou 'não qualificados'". Portanto, o objetivo central da cultura é o seguinte:

> "Nós devemos promover vigorosamente o espírito nacional centrado no patriotismo e o espírito dos tempos centrado na reforma e na inovação, promover vigorosamente a excelente cultura tradicional chinesa, desenvolver vigorosamente a cultura socialista avançada, e continuamente aprimorar a força espiritual de todo o Partido e do povo de todos os grupos étnicos do país" (XI, 2016, on-line).

De grosso modo, existem dois tipos de "cultura boa" no discurso: a "excelente cultura tradicional chinesa nutrida no desenvolvimento de mais de 5000 anos de civilização" e a "cultura revolucionária e a cultura socialista avançada nutridas na grande luta pelo Partido e pelo povo", que representam o cúmulo do espírito e identidade nacionais chinesas. Vê-se, aí, a ambiguidade paradoxal do modernismo conceitual chinês. Não há o rompimento com o passado para formar a cultura moderna; pelo contrário, a tradição é abraçada. Passado e futuro convivem dentro do desenvolvimento geral do "espírito nacional chinês". Nessa lógica, os artistas devem entender o que há de melhor na tradição cultural e nas obras do passado e utilizar essa força para criarem obras que sirvam ao povo e ao socialismo, promovendo "as luzes que guiam o futuro do espírito nacional".

Durante boa parte do período imperial, foi constante a associação entre a cultura e a moralidade, especialmente com a noção (discutida) de que a arte seria um veículo para transmitir valores e também para criá-los. A classe social dos acadêmicos-oficiais ou os *literati* era composta por homens que entravam na burocracia imperial por meio de exames que avaliavam justamente seu conhecimento do *wén* (significando a cultura/os escritos tradicionais); sua crença geralmente girava em torno da necessidade do estudo da cultura tradicional – incluindo questões estilísticas e o desenvolvimento de um estilo individual próprio – para a formação de homens socialmente responsáveis e capazes de governar para o bem comum (BOL, 1997, pp. 36-39). Para Mao, como já foi discutido, esse fim se alterou: não mais se buscava uma "boa governança" geral, mas o desenvolvimento socialista. De todo modo, a cultura ocupava lugar central na difusão dos bons ideais e na formação social de um povo.

O pensamento de Xi Jinping pode ser enquadrado dentro da categoria de cultura histórica de Jörn Rüsen. Segundo o autor, a cultura histórica contempla

> as diferentes estratégias da investigação científico-acadêmica, da criação artística, da luta política pelo poder, da educação escolar e extraescolar, do ócio e de outros procedimentos de memória histórica pública, como concreções e expressões de uma única potência mental. Deste modo, a 'cultura histórica' sintetiza a universidade, o museu, a escola, a administração, a mídia, e outras instituições culturais como conjunto de lugares da memória coletiva, e integra as funções do ensino, do entretenimento, da legitimação, da crítica, da distração, da figuração e de outras maneiras de recordar, na unidade global da memória histórica. (RÜSEN, 1994, p. 2)

Utilizando-se da conceitualização do autor, percebe-se que o objetivo de Xi Jinping e das diretrizes oficiais do PCCh é mobilizar/moldar a consciência histórica do povo chinês em torno de uma cultura unificada e imanentemente positiva com relação à sua história e a suas metas para o futuro. Determinando o que seria uma boa cultura e o que não é, assim como delineando qual seria a verdadeira interpretação da história e que tipo de interpretação não teria nenhum valor, compreende-se que a política ideológica de Xi Jinping impõe à cultura (no sentido do fazer artístico) uma função de empoderar as massas trabalhadoras ("o povo") através de um certo padrão de representação estética e, principalmente, histórica. A categoria de "cultura histórica" se encaixa de maneira exemplar no discurso de Xi Jinping, tendo em mente o entendimento por parte da liderança do Partido da importância do campo cultural para a propagação de um certo pensamento histórico na vida de uma sociedade, acarretando na priorização de ideais e visões de mundo considerados nobres e na desconsideração daqueles que fogem desse padrão pré-determinado.

Há um último fator a ser discutido no recorte do discurso analisado: a internacionalização da cultura chinesa. Desde a abertura da China para nações estrangeiras até as discussões de modernização do século XX, discutia-se quais deveriam ser as influências tomadas de outras nações que poderiam avançar o desenvolvimento político, econômico e social da sociedade chinesa. No final do discurso, Xi declara: "Nós temos que ter em mente a essência da cultura chinesa, aprender com as culturas estrangeiras, e olhar para o futuro" (XI, 2018, p. 381). Essa fala aparece como uma quebra de expectativa em relação ao resto do discurso, que se focalizou totalmente em discutir apenas a tradição histórico-cultural especificamente chinesa e como as obras de arte devem refleti-la de maneira respeitável em união ao projeto socialista. E, de fato, analisando o discurso completo, há apenas uma menção à incorporação de elementos estrangeiros na cultura chinesa; inclusive, no parágrafo anterior do recorte, fala-se em defender a cultura tradicional do "impacto de outras culturas" através da confiança.

Contudo, a internacionalização se manifesta diversas vezes na via contrária: na exportação da cultura chinesa para o resto do mundo. Claro que "exportação" implica na produtificação da cultura chinesa (ver OWEN, 2018), que não é necessariamente o sentido utilizado por Xi no discurso. Por outro viés de análise, interpreta-se que Xi Jinping considera que a cultura chinesa pode e deve servir de exemplo para o mundo, dada sua excelência e seu considerável desenvolvimento visto nos últimos 40 anos de história, um desenvolvimento "sem paralelos", através de "reformas e aberturas" (lê-se o desenvolvimento da nação até chegar no posto de potência mundial inquestionável). A excelência da cultura chinesa, desse modo, estende-se também ao nível global em comparação com outras culturas. No discurso completo, encontra-se tal fala: "O povo chinês não vai apenas contribuir com novos modelos e caminhos de desenvolvimento para a humanidade, mas também contribuirá com suas conquistas na inovação e criação cultural para o mundo" (XI, 2016, on-line). Incluindo-se em meio ao povo, como foi feito no discurso todo como forma de aproximação e identificação, Xi declara:

> Nós devemos promover o espírito cultural que transcende o tempo e o espaço, transcende fronteiras nacionais, é cheio de charme eterno e tem valor contemporâneo, ativar sua forte vitalidade interna, e permitir que a cultura chinesa, junto das culturas coloridas criadas por pessoas de diversos países, provenha a orientação espiritual correta para a humanidade. (XI, 2016, on-line)

Pode-se abrir esta discussão para a própria internacionalização do conceito de modernidade que, como previamente mencionado, possui raízes europeias e sua tradução para o contexto chinês deve ser feita com ressalvas, tal como essa difusão internacional da cultura chinesa por uma via única. Com o ideal centralizador tão característico na autoimagem chinesa, não é de se surpreender que, com o cenário mundial globalizado, verificam-se tentativas de afirmação da excelência chinesa em relação ao outro no âmbito conceitual.

Conforme foi analisado, percebe-se uma definição mais nítida de cultura para Xi Jinping. Reiterando a metodologia da história conceitual, deve-se lembrar que não existe nenhum conceito que tenha significado universal; o que foi apresentado nas últimas páginas é uma significação específica, deste uso especificamente político-ideológico, em um determinado momento da sociedade chinesa. Feita essa pontuação, pode-se compreender que cultura, para Xi Jinping, representa um braço fundamental do funcionamento ideológico do sistema socialista chinês. A solidificação de um sistema não passa apenas por suas instituições políticas, mas também depende de construções socioculturais que perpetuem as visões de mundo do regime.

A cultura histórica defendida pelo PCCh demanda da nação uma confiança naquilo que é considerado "essencialmente chinês". Para isso, mobilizam-se diferentes tempos dentro de uma certa interpretação da história que seja amplamente voltada ao povo, tanto quanto à necessidade de honrar os feitos passados, quanto na força necessária para impulsionar o caminho para o futuro.

Além do caráter fortemente patriótico do discurso, há também uma tendência internacionalista importante. Dentro de um contexto mundial onde a China busca o papel de principal liderança como contraponto aos Estados Unidos, a cultura chinesa exerce o mesmo papel de disseminação que possui no âmbito nacional. Xi diz que "a cultura chinesa é tanto histórica quanto contemporânea, pertencendo tanto à nação chinesa quanto ao mundo todo" (XI, 2018, p. 381). Essa bagagem tradicional milenar e a mais recente herança revolucionária servem como exemplo do potencial de penetração da cultura chinesa na população. Sobre os artistas, cai a necessidade de entender esse movimento político-cultural e potencializar o desenvolvimento da China através de suas obras de arte. Isso implica na adesão a uma certa visão histórica e na reprodução de certos valores considerados "próprios". Afinal, como frisou Xi, "apenas se desenvolvermos uma perspectiva sensata sobre a história, demonstrarmos respeito com a nossa tradição e apresentarmos o passado através dos meios artísticos adequados" pode-se criar obras de arte que perduram pela eternidade (XI, 2018, p. 381).

Por fim, o discurso ambiciona a reprodução de uma identidade coletiva comum ao povo chinês. Para isso, a arte tem papel central, já que as obras artísticas têm o poder de representar o espírito de seu tempo. Portanto, citando Xi Jinping, as obras de arte devem "incorporar a essência da cultura chinesa, refletir as atividades estéticas do povo chinês, disseminar os valores da China contemporânea, e estar de acordo com as tendências progressivas do mundo" (XI, 2018, p. 381). A boa cultura, a cultura histórica de Xi Jinping, deve apresentar valores, estéticas e ideias distintamente chinesas, sabendo que a construção do que é considerado "essencialmente chinês" é supervisionada pelo Partido Comunista da China e pela própria liderança de Xi. Caso o artista não siga essas diretrizes, sua obra será esquecida, pois não terá relevância em seu tempo; do outro lado, aderindo a tais visões culturais, pode-se criar obras de arte que influenciam no desenvolvimento da sociedade e ficarão de exemplo para o futuro da nação e do mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se, com a análise do texto de Xi Jinping, a continuação de uma tendência de décadas no alto governo da China comunista. A utilização da arte como ferramenta de propagação ideológica é verificada desde os primórdios do Partido Comunista Chinês; antes mesmo de se firmarem como governantes em

1949, já se verificavam pinturas, pôsteres e músicas que afirmavam os valores comunistas contra seus opositores. Portanto, não é nenhuma surpresa que permaneça a visão acerca da função social da arte como meio fundamental de propaganda, tendo em mente sua alta capacidade de disseminação e sua fácil compreensão.

O que destaca este caso, no entanto, é a posição da China dentro do mundo globalizado contemporâneo. Com o acirramento do conflito comercial entre a nação chinesa e os Estados Unidos e a definição cada vez mais evidente dessas duas potências como as principais forças de influência econômica e cultural do mundo, a defesa da posição central chinesa por meio do soft power artístico retrata uma nova fase de ofensivas para garantir o posicionamento chinês na frente desta corrida pela influência mundial. A análise da política cultural não basta para compreender a totalidade da ideologia comunista chinesa e seus braços de fortalecimento intra e internacional; porém, neste tão importante veículo propagandístico, a relevância dada a seu aperfeiçoamento – lê-se "aperfeiçoamento" dentro dos moldes pretendidos pelo setor de propaganda do PCCh – demonstra a centralidade da arte para o projeto de desenvolvimento não só da China como potência, mas do povo chinês enquanto nação.

FONTES

Speech by Xi Jinping at the Opening Ceremony of the 10th National Congress of the Chinese Federation of Literary and Art Circles and the 9th National Congress of the Chinese Writers' Association. *Escritório Everwin*, 2 de dez. de 2017. Disponível em: https://en.everwinlawyer.cn/dtjs_details/37.html. Acesso em: 10 de out. de 2025.

XI, Jinping. Confidence in Chinese Culture. In: *XI, Jinping. The governance of China*. v. 2. Pequim: Foreign Language Press, 2018, pp. 378-381.

习近平：在中国文联十大、中国作协九大开幕式上的讲话 [Xi Jinping: Speech at the Opening Ceremony of the 10th National Congress of the China Federation of Literary and Art Circles and the 9th National Congress of the China Writers Association]. *Agência de notícias Xinhua*, 30 de nov. de 2016. Disponível em: http://www.xinhuanet.com/politics/2016-11/30/c_1120025319.htm. Acesso em: 31 de out. de 2025.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANAGNOST, Ann. Constructing the civilized community. In: HUTERS, T.; WONG, R. B.; YU, P. (eds.). *Culture & State in Chinese history: conventions, accommodations, and critiques*. California: Stanford University Press, 1997, pp. 346-368.

BOL, Peter K. Examinations and orthodoxies: 1070 and 1313 compared. In: HUTERS, T.; WONG, R. B.; YU, P. (eds.). *Culture & State in Chinese history: conventions, accommodations, and critiques*. California: Stanford University Press, 1997, pp. 29-57.

_____. *"This culture of ours": intellectual transitions in T'ang and Sung China*. Stanford: Stanford University Press, 1992.

_____. Why do intellectuals matter to Chinese politics? In: RUDOLPH, J.; SZONYI, M. (eds.). *The China Questions: critical insights into a rising power*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2018, pp. 244-251.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

FERNÁNDEZ SEBASTIÁN, Javier. Significados ao longo do tempo. In: *História conceitual no Atlântico ibérico: linguagens, tempos, revoluções*. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec/PUCRJ, 2023.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HOPE, Arran. Thinking about Xi Jinping Thought on Culture. *Jamestown*, 2023. Disponível em: https://jamestown.org/thinking-about-xi-jinping-thought-on-culture/. Acesso em: 16 de nov. de 2025.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. Puc-Rio, 2016.

KUPŚ, Hannah. Between art and social responsibility: the politics of music in the Xi Jinping era. In: DAHL, M.; SZATKOWSKI, M.; KUPS, H. (eds.). *China under Xi Jinping: an interdisciplinary assessment*. Leiden; Boston: Brill, 2024, pp. 361-388.

MÜHLHAHN, Klaus. *Making China Modern: from the Great Qing to Xi Jinping*. Cambridge, Massachusetts: The Belknap Press of Harvard University Press, 2019.

OWEN, Stephen. What is the future of China's past? In: RUDOLPH, J.; SZONYI, M. (eds.). *The China Questions: critical insights into a rising power*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2018, pp. 283-287.

PUETT, Michael J. Modernity Narratives, Modernity Moments, and Belatedness: periodization as an historical construct. *Early Medieval China*, [S.L.], v. 2024, n. 30, pp. 152-155, 14 nov. 2024. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1080/15299104.2024.2399472. Acesso em: 8 de nov. de 2025.

_____. Who is Confucius in today's China? In: RUDOLPH, J.; SZONYI, M. (eds.). *The China Questions: critical insights into a rising power*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2018, pp. 231-236.

RÜSEN, Jörn. ¿Qué es la cultura histórica? Reflexiones sobre una nueva manera de abordar la historia, 1994. Trad. de F. Sánchez e Ib Schumacher. Versão espanhola do texto original em alemão publicado em FÜSSMANN. H. T. Grütter y RÜSEN, J. (eds.). Historische Faszination. Geschichtskultur heute. Keulen, Weimar y Wenen: *Böhlau*, 2009, p.3-26. Disponível em: https://culturahistorica.org/wp-content/uploads/2020/02/rusen-cultura_historica.pdf

WILLIAMS, Raymond. *Keywords: a vocabulary of culture and society*. Nova York: Oxford University Press, 1983.

WONG, R. Bin. Confucian Agendas for Material and Ideological Control in Modern China. In: HUTERS, T.; WONG, R. B.; YU, P. (eds.). *Culture & State in Chinese history: conventions, accommodations, and critiques*. California: Stanford University Press, 1997, pp. 303-325.

WONG, R. Bin; HUTERS, Theodore; YU, Pauline. Introduction: shifting paradigms of political and social order. In: HUTERS, T.; WONG, R. B.; YU, P. (eds.). *Culture & State in Chinese history: conventions, accommodations, and critiques.* California: Stanford University Press, 1997, pp. 1-28.

A boa cultura de Xi Jinping: uma análise conceitual

Resumo: O estudo busca compreender a mobilização político-ideológica da cultura pelo líder supremo da China contemporânea, Xi Jinping. Para tal, estuda-se conceitualizações do termo cultura – principalmente dentro do âmbito chinês [wén] –, considerando os efeitos da modernidade conceitual atingida de maneira mais demarcada no século XX, até alcançar uma definição mais própria do uso atual da palavra em diálogo com os interesses políticos na arte. Então, detalha-se um discurso de Xi para analisar os usos do termo na sua posição enquanto liderança política, voltados à importância da transmissão de ideais tipicamente chineses e socialistas por meio das obras de arte, ao mesmo tempo em que se desenha uma comparação entre aquilo que é considerado uma "boa cultura" e uma cultura sem valor.

Palavras-chave: Cultura chinesa. Xi Jinping. Arte e ideologia.

Xi Jinping's good culture: a conceptual analysis

Abstract: This study aims to comprehend the political-ideological mobilization of culture by the supreme leader of contemporary China, Xi Jinping. To achieve this, we study conceptualizations of the term culture – especially within the Chinese sphere [wén] –, considering the effects of conceptual modernity achieved most explicitly during the 20th century, until reaching a more appropriate definition of the current use of the word associated with the political interest in art. Therefore, a speech from Xi is detailed in order to analyse the uses of the term within his position as a political leadership, focused on the importance of transmitting typically Chinese and socialist ideals through works of art, as well as to draw a comparison between that which is considered "good culture" and a worthless culture.

Key-words: Chinese culture. Xi Jinping. Art and ideology.

Recebido em: 20 de janeiro de 2026
Aprovado em: 10 de junho de 2026